

BREVE ANÁLISE DISCURSIVA DE UMA PUBLICIDADE DE PRODUTO DE BARBEAR PROTAGONIZADO POR UM “TRANS HOMEM”

Joseeldo da Silva Junior (1); Velbiane Chaves (2)

Mestrando em Linguística pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística na Universidade Federal da Paraíba.

Email: joseeldojr@gmail.com (1);

Mestranda em História pelo Programa de Pós-Graduação em História na Universidade Federal de Campina Grande.

Email: velbiane@gmail.com (2)

Resumo: Pensar o sujeito é discutir as metamorfoses pelas quais ele passa. Pensar o sujeito enquanto sujeito livre é perceber que uma linguagem os interpela, construindo-o sociohistoricamente. No espectro do pensamento kantiano, Foucault (1995) enfrenta uma lacuna da contemporaneidade que permanece como grande incógnita: “*Quem somos nós, hoje?*” Conforme aponta Gros (1995), é uma marca do filósofo francês que é insistida numa busca por uma identidade. Nesse sentido, este trabalho tem como objetivo analisar uma peça publicitária protagonizada por um transexual masculino. Trata-se de uma propaganda de um creme de barbear que, apesar de aparentar uma iniciativa de cunho “normal”, ela rompe com as práticas heteronormativas instauradas historicamente na sociedade, haja vista que o sujeito protagonista, como já dito, é um “*trans homem*”. É, portanto, vista como uma irrupção na série histórica de acontecimentos discursivos, por ser destaque enquanto singularidade ao meio a uma dispersão de propagandas protagonizadas por homens heterossexuais. Tal acontecimento permite-nos interpretar como uma construção de uma verdade, uma vez que atribui rosto as coisas, na palavra de Navarro (2004), que ao nosso ver demarca fronteira no transcorrer da História dos acontecimentos. Posto isso, vale ressaltar que discussões em campo de conflitos como da sexualidade, a noção de acontecimento discursivo tratado neste estudo nos faz refletir sobre tais questões: 1. Quais as relações de poder emergem desse enunciado? e 2. Quais sentidos reverberam nesse acontecimento? No intuito de esclarecer tais problemas aqui elencadas, dialogamos com Foucault (1995; 2008; 2014), Navarro (2004), Bento (2006; 2008) e Louro (2001).

Palavras-chave: Acontecimento discursivo, transexual masculino, sexualidade, poder.

INTRODUÇÃO

“O discurso da sexualidade não se limita a reprimir, ele investe a região da sexualidade no regime poder/saber/prazer. A resistência ao poder desse discurso que se arma sempre através de saberes é possível pela criação de outras políticas do sujeito, que favoreçam atos de liberdades, novos estilos de existência, uma ética da autodeterminação.” (Inês Lacerda Araújo, 2008)

Michel Foucault discutiu amplamente a noção do sujeito, validado por ele como um dos maiores interesses do seu estudo. A atenção de investigação centrou-se na transformação do ser humano em sujeito (FOUCAULT, 1995). Amparado no problema kantiano, Foucault busca compreender “*Quem*

somos nós, hoje?” Conforme aponta Grós (1995), é uma marca do filósofo francês insistida na busca de uma identidade do sujeito.

Os três momentos do pensamento foucautiano são alicerces para a compreensão da constituição dos sujeitos. A arqueologia do saber, a genealogia do poder e a genealogia da ética subsidiam as análises que se tornaram fundamentais para a teoria do discurso, apesar de Foucault nunca ter pretendido criar tal teoria, de acordo com Oliveira (2017). No entanto, para o campo da Análise do Discurso, suas contribuições para além da filosofia se tornaram essenciais na construção do aporte teórico-metodológico.

A noção do acontecimento discurso é basilar na competência de um estudo analítico da História e, conseqüentemente, na descrição e interpretação do enunciado. Foucault (2008) entende que o acontecimento é a irrupção de uma “singularidade” em meio a uma dispersão em uma série histórica. Corroborando com essa concepção, Navarro (2004, p. 108) explica que “o discurso como acontecimento significa abordá-lo na sua irrupção e no seu acaso, ou seja, despojá-lo de toda e qualquer referência a uma origem supostamente determinável ou a qualquer sistema de casualidade.” Isso remete a descontinuidade do processo histórico, que afasta o fato isolado e aproxima de uma arqueologia de discursividade múltipla.

Dito isso, neste trabalho buscamos analisar uma publicidade protagonizado por um sujeito transexual enquanto acontecimento discursivo, haja vista que a propaganda foco deste trabalho divulga um produto de barbear tendo como garoto-propaganda um transexual homem, rompendo, portanto, com o modelo heteronormativo. Por fugir as normas padrões, o assunto reverberou na mídia, chamando atenção para o acontecimento.

Se antes o marketing de produtos de beleza masculino como creme de barbear era prerrogativa dos sujeitos heterossexuais, agora observamos um rompimento histórico: um transexual ocupando espaço sociohistoricamente reservado apenas ao *Homem com H maiúsculo*. Desse modo, verificamos que o modelo de sociedade machista e patriarcal cede as novas identidades divergentes, permitindo a inserção de sujeitos desviantes alçar outras fronteiras.

RELAÇÕES DE SABER/PODER DO SUJEITO TRANSEXUAL: A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE

As relações de saber/poder produzidos pelos discursos e historicizados no tempo e espaço conjuram para o estabelecimento de culturas, normas, preceitos, enfim, um conjunto de

comportamentos sociais. No campo da sexualidade, tais relações são terrenos de conflitos. Foucault comentou acerca disso. De acordo com o autor “as regiões onde a grade é mais cerrada, onde os buracos negros se multiplicam, são as regiões da sexualidade e as da política: como se o discurso, longe de ser esse elemento transparente ou neutro no qual a sexualidade se desarma e a política se pacifica.” (Foucault, 2014, p. 09).

Louro (2001), a despeito dos embates no campo da sexualidade, discorre que existe uma corrente favorável a aceitação do que ela chama de “minorias” – nesse grupo, também fazem parte os transexuais –, consumindo os seus produtos culturais. Enquanto isso, há outra corrente da sociedade, mais tradicional, que potencializa a aversão a tal grupo, que vão de campanhas ao fortalecimento da família até mesmo a violência física.

Longe de chegar a uma provável pacificação, a discussão sobre a sexualidade, sobretudo dos sujeitos transexuais, é pauta da obra *A Reinvenção do Corpo*, Berenice Bento (2008), na qual é desvelado os processos de disputas do corpo transexual num dado período histórico pelos campos de saber. Isso resultou no problema de construção da identidade. Como base da problematização da identidade, a linguagem substanciou os embates.

Por um longo tempo, o sufixo *ismo* denotou “condutas sexuais perversas” (BENTO, 2008, p. 44), classificando comportamentos desviantes, como o transexual(ismo) e o homossexual(ismo), de patologias. Logo, determinou o modo em que o sujeito transexual seria nomeado. Bento (idem) descreve que a lógica patológica definiu que uma mulher ao passar pelo processo transexualizador para homem seria nomeada como *transexual feminino* e o um homem, no mesmo processo, ao se tornar mulher, a nomeação atribuída seria de *transexual masculino*.

Definição sinuosa, o olhar médico produziu, entrelinhas, o (pré)conceito, ou seja, ideias desprendidas formadas por falta de conhecimento ou o por um conhecimento maldoso, reverberado na opinião pública. O órgão genital a faz mulher, portanto ela nunca *torna-se uma* (Beauvoir, 1967). O biológico incide sobre o social, conseqüentemente na maneira em que o transexual é nomeado. Sobre isso, Bento (2008, p. 44) esclarece que “a nomenclatura oficial retorna à essencialização que a própria experiência nega e recorda todo tempo que ele/ela nunca será um homem ou mulher de ‘verdade’.”

Embora a linguagem científica resista a reconhecer o gênero como identidade, os movimentos sociais enveredam por outro caminho. O transexual masculino é visto e identificado a partir da sua subjetividade e sua narrativa, e não pelo sexo biológico, como requer a lógica patologizante, explica Bento (2008), esclarecendo ainda que “as ‘transexuais femininas’ ou ‘mulheres transexuais’” são

referências "aos sujeitos que se definem ou se sentem como mulheres, e 'transexuais masculinos' ou "homens transexuais' para os que se definem e sentem como pertencentes ao gênero masculino" (BENTO, idem, ibdem).

Diante disso, verificamos que as práticas discursivas são essenciais para a construção de “verdadeiros dispositivos identitários”, atesta Gregolin (2005, p. 09), ao mesmo tempo que “só adquire sentido nos discursos sociais em que são produzidas”, conforme sublinha Baracuhy (2009, p. 17). Vale dizer que as relações de poder, ainda de acordo com Baracuhy (2009, p. 18), “perpassam todos os processos identitários.”

Através do discurso, o poder, difuso e disperso, interdita e controla o que pode e deve ser fabricado nas malhas da sociedade, bem como pontua Foucault (2014), estabelecendo limites entre o dito e o não-dito. Araujo (2004, p. 234) reforça essa noção afirmando que o “controle feito pela exclusão opera através do interdito em nossa sociedade, especialmente na região da sexualidade, na qual o discurso está ligado ao desejo”, correspondendo, assim, ao que foi discutido até então.

QUEBRANDO TABU: UM “TRANSEXUAL-PROPAGANDA” NA MÍDIA

Num cotidiano cada vez mais espetacularizado, a vida tornou-se palco de discursividades. Segundo afirma Gregolin (2003; 2007), a “história do presente”, na atualidade, é produzida pelo dispositivo midiático, uma vez que o sentido é produzido “por meio de um insistente retorno de figuras, de sínteses-narrativas, de representações que constituem o imaginário social.” (GREGOLIN, 2003, p. 96). Assim, diante da globalização do acesso às redes sociais, sujeitos emergem constantemente, num círculo permanente, de acordo com determinado acontecimento discursivo que se irrompe na história do tempo real.

Por assumir o papel de mediar a relação entre o leitor e o real, ainda na esteira da discussão de Gregolin (2003), a mídia, em tempo de mídias digitais, permite a participação e circulação de indistintos sujeitos, os quais constroem noções que podem se caracterizar como certo ou errado ou como verdadeiro ou falso. O cotidiano transportou-se para o digital, possibilitando cada vez mais a visibilidade da produção de discursos e, sequencialmente, a constituição de identidades, a marcação de culturas e o interminável debate das ideologias.

Em poucos cliques, a vida, no universo digital, tem a chance de ganhar notoriedade, e, vez ou outra, tornar-se espetáculo midiático. Um exemplo disso foi a postagem feita por um sujeito transexual ao anunciar uma oferta de um produto de barbear através da sua rede social Instagram.

Não demorou muito até que a mídia repercutisse o garoto-propaganda protagonizando uma cena publicitária. O acontecimento reverberou na mídia, destacando-se nas redes sociais e atraindo muita curiosidade, uma vez que o fato dizia respeito a transexual masculino protagonizando uma cena de um creme que auxilia no crescimento da barba.

O assunto, vale lembrar, ganhou notoriedade visto que a peça publicitária teve como “transexual-propaganda” Thammy Miranda que, além de ser ator – conhecido após ter participado de uma novela em rede nacional – também é filho da cantora Gretchen, artista com visibilidade nacional e internacional. O acontecimento poderia ter passado despercebido, se se tratasse de uma “vida infame” (FOUCAULT, 2003), pois, ainda que a publicidade desse a oportunidade de visibilizar o sujeito, a irrupção na história do movimento LGBTQI¹ não ocorreria. A seguir, a publicidade que nos fez pensar sobre a discussão trazida até aqui.

Imagem 01: Publicidade de barbear com um transexual masculino



Fonte: Instagram/Thammy Miranda, 2018.²

O uso de um produto de barbear por um transexual, reconhecemos, é uma subversão as normas bem definidas da heteronormatividade. No entanto, a transformação, de mulher para homem, é suscetível de vincular uma postura preconceituosa da publicidade, ainda que não transparente aos

¹ Acrônimo que designa as identidades de gênero, que tem como significado lésbicas, gays, bissexuais, transexuais, queers e intersexuais.

² Disponível em: < <https://www.instagram.com/p/BghSJolGHRy/>>. Acessado em: 27 de maio de 2018.

leitores. Explicamos. O marketing pode sugerir: “se ele pode possuir e fazer crescer a barba, – uma mulher que se tornou homem – a figura do homem macho, biologicamente falando, tão pode quanto deve usar o produto e, portanto, também ter os pelos no rosto.”

É problematizador pensarmos sob à luz dessa hipótese, mas seria ingênuo descartar tal possibilidade, haja vista a sociedade brasileira conservadora na qual estamos inseridos. Sustenta nosso argumento uma imagem que circulou no Facebook, posteriormente adequada a um website, em que uma usuária comenta: “Barbaridade! Daqui a pouco Pablo Vittar vai fazer propaganda de absorvente. Risos.” Posicionamento como esse revela a densa discriminação contra a comunidade LGBTQI, compartilhado por outros, se levarmos em atenção as reações no comentário da usuária. Trezentos e oitenta e sete aparentam partilhar da mesma convicção, entre “risos”, “curtidas” e “amei”, demonstrando, portanto, aversão a um transexual de barba. Substancia essa leitura a imagem do personagem Wolverine, com a legenda: “O mundo não é mais o mesmo.”

Imagem 02: Publicidade com “trans homem” alvo de preconceito



Fonte: NãoLevePorTras, 2018.

Apesar do mundo não ser mais o mesmo, como de fato não é, seria inegável reconhecer o fato da “demarcação de fronteira”, nas palavras de Louro (2001), ao ser destacado a identidade *trans*, bem como a representação do grupo socialmente marginalizado, a posição de visibilidade dada pela mídia na publicidade feita por Thammy Miranda, que, por muito tempo, teve que se adequar as normas heteronormativas. Para se ter uma ideia, somente ano de 2018 a transexualidade foi retirada do *hall* de doenças mentais³ da Organização Mundial de Saúde (OSM), demonstrando, assim, o caráter urgente e combativo em levantar a bandeira em defesa da identidade transexual.

Nas imagens 03 e 04, deslumbramos a força da propaganda heterossexual como patente oficial, pelo menos até então, da divulgação de produtos antes destinado apenas aos “homens de verdade”. Thammy Miranda irrompe como um importante acontecimento nesse segmento, fazendo avançar a História, marcando posição e representando uma minoria contra a cruel faceta do preconceito, faceta esta que jamais homens de barba como os que aparecem a seguir puderam ou poderiam um dia sentir.

Imagem 03: Publicidade do produto para barba feita por um homem



Fonte: Instagram, 2018⁴.

Imagem 04: Homem em publicidade do produto de barbear



Fonte: Instagram, 2018⁵

³ Em 2018, após 28 anos, a transexualidade foi excluída da lista de doenças mentais da OMS, deixando de ser considerada transtorno de identidade de gênero, passando a ser entendida como incongruência de gênero. Disponível: <https://www.huffpostbrasil.com/2018/06/18/apos-28-anos-transexualidade-deixa-de-ser-classificada-como-doenca-pela-oms_a_23462157/>. Acessado em 21 de junho de 2018.

⁴ Imagem retirada do Instagram, disponível no endereço virtual: [<https://www.instagram.com/p/BI1RrJvBFQp/>]

⁵ Imagem retirada do Instagram, disponível no endereço eletrônico: [https://scontent-ort2-2.cdninstagram.com/vp/7287e375353a84c6b8d56092119ee822/5B747581/t51.2885-15/s480x480/e35/29402913_779782885549909_6812546132707639296_n.jpg]. Acessado em 21 de junho de 2018.

Homens como esses estão na moda, transparecem virilidade por possuir uma barba, diferente do que ocorreu com o transexual Thammy Miranda que, apesar de também possuir uma barba, tida como sinônimo de respeito na cultura patriarcal, foi alvo de crítica e discriminação, pois, como discorre Bento (2008, p. 78), “sua condição de excluído não está em está em uma característica individual, mas nas articulações de poder que o produzem como ser anormal”, assertiva que vai ao encontro com o pensamento de Foucault (2014, p. 63), ao afirmar que “estamos muito longe de haver constituído um discurso unitário e regular da sexualidade; talvez não cheguemos nunca a isso”.

CONCLUSÃO

A visibilidade de um transexual masculino na mídia, além de demarcar fronteira, como nos ensinou Louro (2001), reafirma a postura identitária inerente ao sujeito, projetando a urgência da representatividade na comunidade LGBTQI. Ainda que as relações de saber/poder sejam extremamente conflitantes, sobretudo no campo da sexualidade, é preciso reconhecer que existe uma desconstrução ao mesmo tempo reafirmação na sociedade ao avançar na e pela História os modelos de identidades contemporâneos.

O acontecimento discursivo como a participação de um trans homem em propaganda dita heterossexual configura-se como uma “micro-história, que direciona sua atenção aos heróis-anônimos, àqueles que são excluídos da história tradicional”, conforme indica Navarro (2014, p. 104). Foucault, nessa mesma perspectiva, (2000) revela-nos que, tradicionalmente, a grande história, a história documental, se sobrepôs aos acontecimentos estratificados, ou seja, aqueles capazes de fazer as pequenas mudanças.

Sendo assim, “Foucault realiza uma desconstrução da história e anuncia o descentramento do homem, ao mostrar que a emergência dos saberes não obedece a uma lógica contínua e evolutiva, mas a uma descontinuidade” (NAVARRO, 2014), logo Thammy Miranda contribui para figuração de uma nova perspectiva no modo de pensar a sociedade, de aceitação do outro, do afastamento da indiferença e da mudança, embora lenta, da História. Bento (2008, p. 85) atesta que “nossas identidades são resultados de nossas histórias, elas se materializam em nossos corpos”, portanto, “negar a construção delas é desconhecer quem somos, inventando uma essência que não existe.” Responder à questão foucaultiana *Quem somos nós, hoje?* certamente passa pela complexidade da identidade e saber reconhecê-la é o caminho para nos definir enquanto sujeito.

REFERÊNCIAS

ARAÚJO, Ines Lacerda. Referência e discurso: o papel da pragmática. In: *Do signo ao discurso: introdução à filosofia da linguagem*. São Paulo: Parábola Editorial, 2004. p. 201-262.

BARACUHY, Regina. A interdição como dispositivo constitutivo na produção midiática de identidades nordestinas. In: *Análise do Discurso: sujeitos, lugares, olhares*. MILANEZ, Nilton.; SANTOS, Janaína de Jesus (Orgs). São Carlos: Claraluz, 2009. p. 17-22.

BEAUVOIR, Simone de. Capítulo I – Infância. In: *O Segundo Sexo – Livro 2: a experiência vivida*. 2ª Ed. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1967. p. 09-65.

BENTO, Berenice. A invenção do transexual. In: *A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual*. Rio de Janeiro: Garamond, 2006. p. 39-68.

BENTO, Berenice. *O que é transexualidade?* São Paulo: Brasiliense, 2008.

FOUCAULT, Michel. O sujeito e o poder. In: *Michel Foucault, uma Trajetória Filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. DREYFUS, Hubert L. & RABINOW, Paul (Orgs). Trad. Vera Portocarrero. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995, p. 230 – 249.

FOUCAULT, Michel. Retornar à História. In: *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2000.

FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do Saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso*. Aula Inaugural no Collège de France, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. 24. ed. São Paulo: Edições Loyola, 2014.

GREGOLIN, M. R. (org). *Discurso e mídia: a cultura do espetáculo*. São Carlos: Claraluz, 2003.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Formações discursivas, redes de memória e trajetórias sociais de sentido: mídia e produções de identidade. In: II Seminário de Análise do Discurso (SEAD). 2005, Porto Alegre. *Anais eletrônicos*. Porto Alegre: UGRGS, 2005. Disponível em: <https://moodle.ufsc.br/pluginfile.php/1293225/mod_resource/content/1/Gregolin_Formacao_o_discursiva_redes_de_memoria.pdf>. Acesso em: 06 jun. 2018.

GREGOLIN, Maria do Rosário. Análise do discurso e mídia: a (re)produção de identidades. In: *Revista Comunicação Mídia e Consumo*. São Paulo: v. 4, n. 11. 2007. p. 11-17.

LOURO, Guacira Lopes. Teoria Queer – Uma Política Pós-Identitária para a Educação. *Estudos Feministas*. V. 9, n. 2. p. 541-553, 2001.

NAVARRO, Pedro. O acontecimento discursivo e a construção da identidade na História. In: *Foucault e os domínios da linguagem: discurso, poder, subjetividade*. SARGENTINI, V.; NAVARRO, P. (Orgs). São Carlos: Claraluz, 2004. p. 97-128.

OLIVEIRA, Dayane A. T.; BARACUHY, Regina. Notas sobre a polêmica do "beijo gay" em um desenho animado infantil da Disney. *Estudos linguísticos e literários*. Salvador, nº 57, p. 277-296, 2017. Disponível em: <<https://portalseer.ufba.br/index.php/estudos/article/viewFile/24769/15720>>. Acesso em: 31 jun. 2018.

